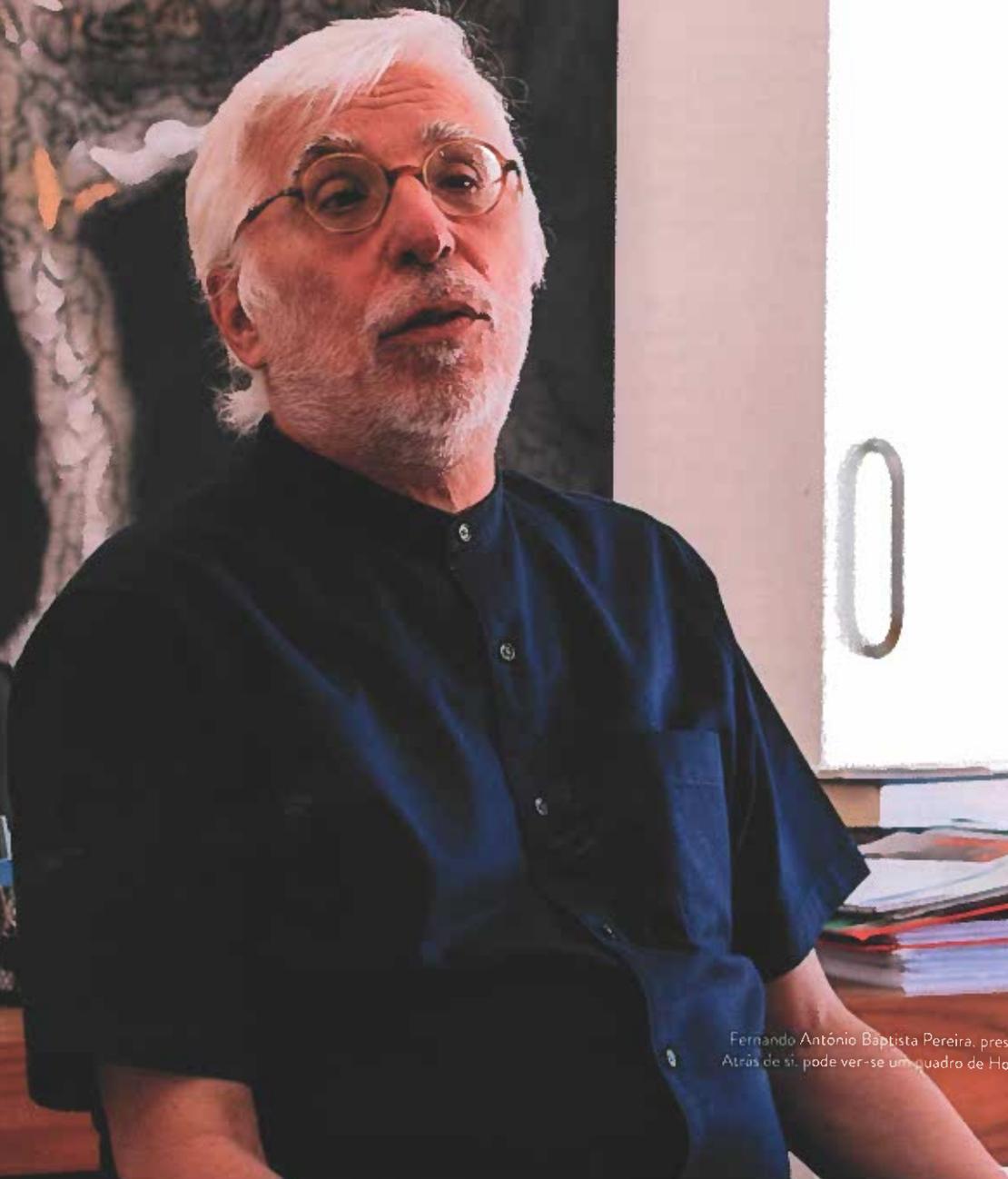


DE SÃO FRANCISCO DA CIDADE À CIDADE DAS BELAS-ARTES

Fotografias © José Bertolo



Fernando Antônio Baptista Pereira, presidente da FBAUL.
Atrás de si, pode ver-se um quadro de Horácio Carvalhinho.

A Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa celebrou, no passado dia 25 de outubro, os 185 anos da sua fundação. É a mais antiga escola superior de ensino artístico portuguesa. Para conhecermos a sua história, falámos com o presidente, Fernando António Baptista Pereira. Visitámos ainda alguns dos espaços mais representativos do edifício, guiadas por Maria Teresa Sabido, detentora de numerosas chaves, que nos abriram grandes e pequenas portas.

Ao percorrermos os corredores e as escadarias da Faculdade de Belas-Artes, sentimos de imediato que entrámos num museu. A sensação não é despropositada, já que, como nos informa o seu presidente, a FBAUL preenche todos os requisitos para se enquadrar na definição de museu de acordo com o ICOM – Conselho Internacional de Museus: possui acervos e espaços expositivos, ensina museologia e conservação e restauro. As próprias condições de segurança e conservação em que se encontram os acervos são, segundo os parâmetros atuais, ideais.

A FBAUL está instalada no antigo convento de São Francisco da Cidade – no Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, na zona do Chiado –, fundado em 1217. No edifício que hoje vemos, no entanto, muito pouco subsiste da construção do século XIII, já que o Convento foi sendo alvo de profundas modificações. Na segunda metade do século XVI, na sequência de obras na igreja – refeita e reorientada para o lado nascente – e do grande crescimento das dependências do convento, o conjunto do edificado adquirira dimensões tão gigantescas, que ficou conhecido como «Cidade de São Francisco», designação que se terá

mantido até ao século XVIII. Dessa traça quinhentista, contudo, também não resta muito; a capela, avança o presidente, deverá ser do século XVI ou do início do século XVII, e a cisterna deverá também pertencer à reconstrução do século XVI.

No século XVIII, a igreja e o convento foram reconstruídos na sequência de dois grandes incêndios ocorridos em 1707 e 1741; o primeiro afetara sobretudo a igreja, e o segundo, o convento. Foi decretada a reconstrução integral do edifício, para que fosse integralmente abobadado, com menos madeira no seu interior, para prevenir que voltasse a ser pasto de chamas. Com exceção de alguns melhoramentos e readaptações posteriores, é desta reconstrução setecentista, com todos os pisos abobadados, que deriva o atual edifício da Faculdade, incluindo a escadaria principal e os azulejos.

Na sequência do terramoto de 1755, o convento, que estava ainda a ser recuperado dos danos provocados pelo incêndio de 1741, deverá ter resistido. A igreja, no entanto, ruiu: o coro, a capela-mor, as varandas do claustro junto à igreja e os seus arcos abateram, e no incêndio que se seguiu ao terramoto, milhares de volumes da

livraria arderam. Começou a construir-se uma nova igreja, que nunca chegou a ser completada e acabou por ser demolida. Dessa construção precária, restam ainda as colunas que se encontram atualmente na fachada do Teatro Nacional D. Maria II. No pátio grande, também designado «pátio de escultura», vemos ainda os arcos de um lanço completo do claustro junto à igreja e fragmentos de outros lanços, cuja totalidade formaria um quadrilátero perfeito. No século XIX, construiu-se um novo edifício para a Igreja de São Francisco, adjacente à Rua Vitor Cordon, onde chegou a estar sediada a Direção Geral de Veterinária.

Em 1834, com o triunfo do Liberalismo e a extinção dos conventos, o Convento de São Francisco é utilizado como depósito geral dos bens móveis dos antigos conventos. Aí, é também alojada a biblioteca pública, atual Biblioteca Nacional de Portugal. A 25 de outubro de 1836, o edifício é ocupado pela Academia de Belas-Artes de Lisboa, a primeira escola pública de arte em Portugal, da qual descende diretamente a FBAUL. Nessa altura, a Academia tinha os seus aposentos no rés-do-chão e no primeiro andar, enquanto a biblioteca ocupava o segundo e o terceiro pisos. Dessas instalações a biblioteca viria a



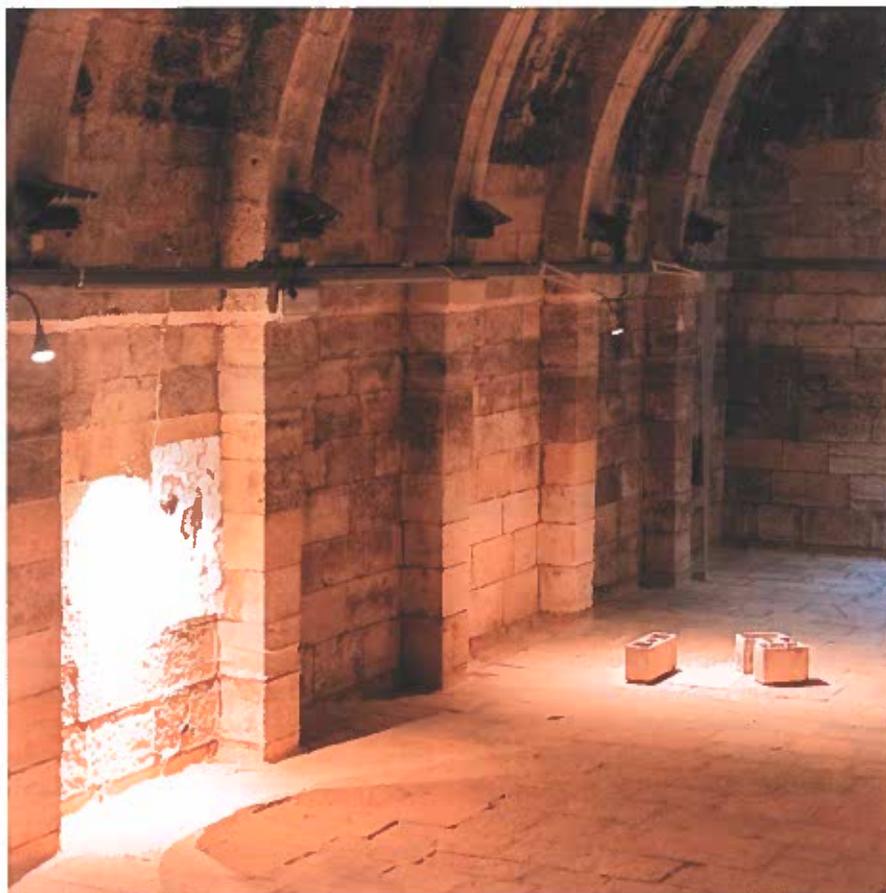
sair somente em 1965, quando o edifício da Biblioteca Nacional, da autoria dos irmãos Pardal Monteiro, na Cidade Universitária, é concluído.

Em 1881, uma grande reforma no ensino artístico conduz à separação entre a componente de ensino e a componente cultural da Academia: da primeira, resulta a Escola de Belas-Artes de Lisboa, que se autonomiza da então Academia Real de Belas-Artes. Esta última é extinta, em 1910, com a República, e substituída pelos Conselhos de Arte e Arqueologia, funcionantes em Lisboa, Coimbra e Porto – os quais, em 1932, no início do Estado Novo, se reconstituem enquanto Academia Nacional de Belas-Artes, que ainda hoje subsiste.

Em 1950, a Escola de Belas-Artes de Lisboa passa a designar-se Escola Superior de Belas-Artes (ESBAL); são ministrados os cursos de pintura, escultura e arquitetura. Os departamentos de Design e Artes Plásticas são criados em 1974, após o 25 de Abril. Em 1979, o departamento de Arquitetura separa-se da ESBAL e é integrado na Universidade Técnica de Lisboa como Faculdade de Arquitetura. Em 1993, com a integração na Universidade de Lisboa, a ESBAL é designada Faculdade de Belas-Artes. As licenciaturas em Arte e Multimédia, em Ciências da Arte e Património, e em Desenho surgem já no presente século.

Hoje, e desde 2013, a FBAUL disponibiliza oito cursos de licenciatura (incluindo

Estudos Gerais), 12 cursos de mestrado e um curso de doutoramento com sete especialidades. Um dos objetivos do presidente é a criação de um doutoramento em Design, que envolverá a Faculdade de Belas-Artes, a Faculdade de Arquitetura e o Instituto Superior Técnico. Pretende, além disso, criar, em parceria com o IST, a licenciatura em Conservação e Restauro. A FBAUL distingue-se de algumas das suas congéneres europeias pelo facto de os estudantes continuarem a mexer nos materiais, respeitando as melhores tradições do estudo da arte. Como resume o presidente, «continuamos a ter desenho de modelo porque o corpo humano muda em todas as gerações».



«Hoje, e desde 2013, a FBAUL disponibiliza oito cursos de licenciatura, 12 cursos de mestrado e um curso de doutoramento com sete especialidades.»

Página anterior
Escada para a Capela

Nesta Página
Cisterna

A nossa visita começa com a descida à capela, que funciona atualmente como espaço de exposições. Maria Teresa Sabido, do Gabinete de Comunicação e Imagem da FBAUL, é mestre em Museologia e tem a seu cargo a administração e a gestão das coleções artísticas da Faculdade; é a pessoa certa para nos acompanhar.

Voltamos a subir em direção ao Pátio da Cisterna e, ao atravessá-lo, caminhamos sobre inscrições lapidárias que poderão remontar ao século XIII. Descemos por umas escadinhas estreitas para a cisterna, o antigo reservatório de água pluvial do convento, que serve atualmente de espaço expositivo. Pudemos apreciar a exposição *caudal*, da autoria do coletivo «humor lí-

quido», com obras de Anabela Mota, Ana Mata, Catarina Domingues, Marta Castelo, Nádia Duvall, Sara Belo e Teresa Projecto, e a participação do escritor Paulo Sarmento e da escultora Virgínia Fróis.

Cada corredor que percorremos está repleto de obras clássicas, esculturas de gesso de grande porte, sobretudo réplicas da estatuária greco-romana: à entrada da Faculdade, Apolo do Belvedere e, um pouco mais à frente, Laocoonte e Vénus de Milo, as três adquiridas em Itália, em 1850, juntamente com esculturas de Antonio Canova e Miguel Ângelo. Sentado à porta da antiga Academia Nacional de Belas-Artes, um imponente São Jerónimo de Alberto Nunes (1838–1912) fita um crânio humano. Numa

esquina, podemos deparar com o Torso de Belvedere e Antínoo, entre salas de aula; com Marsias, junto à Divisão Financeira; Vénus Calipígia, na secretaria; ou Gladiador Combatente e Sileno com Dioniso, junto às oficinas de escultura.

Descemos outras escadas, não tão íngremes como as que nos levaram à cisterna, mas igualmente misteriosas. Assim que chegamos ao último degrau, abaixo do piso térreo, já se ouve um tilintar de chaves. Maria Teresa Sabido abre-nos a porta do acervo de escultura, e o que vemos é surpreendente. Encaramos os primeiros bustos, perfilados em longas prateleiras, e logo percebemos a verdadeira dimensão da coleção.



Nesta Página
Pormenores da Coleção de Escultura

Página do lado
Pormenor de uma pintura,
Coleção de Pintura

«Há fileiras de pés, troncos, pernas, braços, mãos, torsos, cabeças, corpos completos ou fragmentos. Parece que entrámos numa enorme sala de anatomia humana, onde vários corpos, ou parte deles, estão moldados em gesso.»

A coleção de escultura da Faculdade de Belas-Artes é constituída por 950 obras, todas inventariadas, das quais cerca de 800 são réplicas em gesso de grandes peças da escultura universal, produzidas para o ensino. Os modelos mais antigos pertenciam à Academia de Belas-Artes, provenientes de várias aulas e academias de ensino artístico fundadas no final do século XVIII. Alguns modelos, também destinados ao ensino, foram sendo adquiridos pela Academia ao longo das primeiras décadas da sua existência, e outros resultaram de criações para monumentos públicos da autoria de grandes mestres de escultura que passaram pela Academia e pela ESBAL, de quem a Faculdade herdou parte do espólio. Integram também a coleção alguns moldes de elementos de arquitetura, como capitéis e frisos, vestígios escultóricos que pertenceram ao antigo edifício do Convento de São Francisco e algumas peças de terracota realizadas por Joaquim Machado de Castro para as esculturas da fachada da Basílica da Estrela, em Lisboa.

A sala principal do acervo tem as paredes apinhadas de réplicas de esculturas antigas, com exceção de uma única parede onde está exposta uma fotografia em grande formato de uma aula de desenho de mo-

delo nu. O corpo humano despido e a cor branca dominam o espaço por inteiro. Nenhuma estante ou prateleira vazia à vista. No chão também não sobra espaço desocupado, a não ser o que permite a nossa circulação. Há fileiras de pés, troncos, pernas, braços, mãos, torsos, cabeças, corpos completos ou fragmentos. Parece que entrámos numa enorme sala de anatomia humana, onde vários corpos, ou parte deles, estão moldados em gesso. Vemos os taceiros onde se fazem as esculturas, cada uma das peças de que se compõem as formas de vazar o gesso. Há também taceiros feitos de silicone e fecho éclair, mais fáceis de montar e desmontar. Vemos as cabeças esculpidas de alguns reis de Portugal, muitas Afrodites, com e sem tronco, e Apolos. Aqui habitam as divindades da pátria e do Olimpo.

Numa sala contígua, encontramos alguns deuses por restaurar. Em cima de uma bancada está uma Vénus parcialmente retalhada, como se tivesse o rosto cheio de cicatrizes. Maria Teresa Sabido conta-nos a história: «Esta Vénus pertencia à Sociedade Nacional de Belas-Artes e, numa manobra descuidada, foi parar ao chão. Pedimos os cacos para os usarmos numa aula como estudo de caso. Eram mais de duzentos frag-



«A FBAUL distingue-se de algumas das suas congéneres europeias pelo facto de os estudantes continuarem a mexer nos materiais, respeitando as melhores tradições do estudo da arte.»

mentos que, pouco a pouco, temos vindo a conseguir colar.» Mais peças têm vindo a ser restauradas e outras existem ainda por restaurar. Há sempre um aluno menos cuidadoso, ou outro mais rebelde que decide pintar ou escrever nos órgãos sexuais das esculturas. Sabido diz-nos, contudo, que casos desses são raros e que existe todo o cuidado na conservação destas obras, nomeadamente quando são emprestadas para exposições.

Sáímos do acervo de escultura e seguimos a nossa visita, agora de elevador, até à reserva de pintura, um espaço que acomoda parte da coleção de pintura, maioritariamente pintura antiga. A sala é ampla e tem duas fileiras de estantes deslizantes adequadas ao armazenamento das obras. Sabido faz deslizar a primeira, colocando a descoberto uma série de pinturas de modelos nus masculinos e femininos, obras do século XIX. Deste período, existem nesta reserva vários retratos, pinturas de paisagem, pinturas animalistas e cenas do quotidiano.

Iniciada com a fundação da Academia de Belas-Artes, em 1836, a coleção de pintura conta hoje cerca de 400 obras inventariadas, não se sabendo ao certo a sua verdadeira dimensão. Estima-se que possam ser duas mil

Do século XIX à primeira metade do século XX, destacam-se as obras de Tomás da Anunciação, Soares dos Reis, Adolfo Rodrigues, Adriano de Sousa Lopes, Carlos dos Reis, Veloso Salgado, ou Santa-Rita Pintor. Pertencem à coleção as «provas» de concursos de admissão de professores, como, por exemplo, a de 1934, que opôs, entre outros artistas, Abel Manta e Henrique Franco; as «provas» dos pensionistas que eram enviadas do estrangeiro; obras dos concursos de alunos, como os Prémios Anunciação, Lupi e Ferreira Chaves; e muitas pinturas anónimas recolhidas nos corredores da faculdade que, pela sua qualidade ou interesse didático, foram também integradas. A coleção abrange ainda pinturas das décadas de 1960 a 1990, onde constam artistas como Daciano Costa, Matilde Marçal, Marília Viegas, Pedro Cabrita Reis, Nelson Dias, ou Isabel Sabino. A coleção continua a crescer, uma vez que todos os anos são selecionadas duas obras realizadas pelos alunos.

Algumas das obras da coleção, sobretudo as mais antigas, têm sido alvo de restauro. Graças ao projeto de *crowdfunding* «Apoie o Restauro», que se realiza desde 2016, a FBAUL conseguiu garantir o restauro de *Au Soir* (1903), de Artur Alves

Cardoso; *Christãos fugindo à perseguição de Nero* (1906-07), de Ricardo Ruivo Júnior; ou *Sansão e Dalila* (1910), de Santa-Rita Pintor. Algumas obras de Adriano Sousa Lopes também já foram restauradas por alunos de Belas-Artes, fruto de uma iniciativa que tem vindo a ser desenvolvida no âmbito de várias unidades curriculares da licenciatura em Ciências da Arte e do Património, do mestrado em Museologia e Museografia e do mestrado em Ciências da Conservação, Restauro e Produção de Arte Contemporânea. Ao longo das últimas décadas, a Faculdade tem vindo a conseguir o resgate e a proteção desta e de outras coleções, a realização dos seus inventários de modo sistemático, a sua investigação e o seu acondicionamento em condições ótimas de conservação.

Subimos por fim ao terraço, onde terminamos a visita, um espaço que não está preparado para acolher pessoas ou iniciativas. Os visitantes que recebe são escassos e, por esse motivo, podemos considerar-nos privilegiados. A paisagem é deslumbrante. Ficamos feitos estátuas, arrebatados pela beleza de Lisboa, bem no alto do antigo convento de São Francisco da Cidade, agora templo do ensino das Belas-Artes. •